

UNIVERSIDADE DAS CRIANÇAS UFVJM: 8 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

UNIVERSIDAD INFANTIL UFVJM: 8 AÑOS DE EXPERIENCIA EN COMUNICACIÓN CIENTÍFICA

Luana Pereira Leite Schetino

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucurí - UFVJM
luana.schetino@ufvjm.edu.br

Natália Ferreira Pinto

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucurí - UFVJM
natalia.ferreira@ufvjm.edu.br

Elton John Siqueira Da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucurí - UFVJM
elton.john@ufvjm.edu.br

Viviane Pereira Ferreira da Mata

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucurí - UFVJM
psicopedagogavivianedamata@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência, com metodologia descritiva informativa, dialogada e crítica de 8 anos de existência da Universidade das Crianças da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucurí (UC-UFVJM), um projeto de extensão universitária de divulgação científica (DC) com crianças e jovens. Ao pertencer à Rede Mineira de Universidade das Crianças (RMUCs), utilizamos o protagonismo, a curiosidade, a criatividade, a motivação e a inclusão social para o desenvolvimento de oficinas e produzimos artefatos de DC em diversos formatos. Dessa forma, percebemos que a criança exerce seu lugar de fala em nossas ações e compreendemos a importância dessas ações no campo da interseccionalidade.

Palavras-chave: comunicação científica; público infanto-juvenil; sociologia da infância; protagonismo infantil.

Eixo temático: 5. Divulgação científica e ensino de Ciências e Biologia em espaços não escolares.

Modalidade: relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

Aquí un relato de experiencia, con metodología descriptiva informativa, dialogada y

crítica, de 8 años de existencia de la Universidad Infantil de la Universidad Federal de Vales do Jequitinhonha y Mucurí (UC-UFVJM), proyecto de extensión universitaria de divulgación científica (DC) con niños. Al pertenecer a la Rede Mineira de Universidade das Crianças (RMUCs), utilizamos el protagonismo, curiosidad, creatividad, motivación y inclusión social para desarrollar talleres y desarrollar artefactos del DC en diferentes formatos. De esta manera, nos damos cuenta de que el niño ejerce su lugar de enunciación y la importancia de las acciones en el ámbito de la interseccionalidad.

Palabras clave: comunicación científica; niños y jóvenes; sociología de la infancia; protagonismo infantil.

Eje temático: Divulgación científica y enseñanza de la Ciencia y la Biología en espacios no escolares

Modalidad: relato de experiencia pedagógica.

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão “Universidade das Crianças da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UC-UFVJM”, foi criado em 2016 para formar a Rede Mineira de Universidade das Crianças - RMUCs (<https://www.universidadedascrianças.fae.ufmg.br/>) em conjunto com as equipes da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e UFSJ (Universidade Federal de São João Del Rei) e recentemente a UFV (Universidade Federal de Viçosa). Somos vinculados à Rede Europeia de Universidade das Crianças, compondo uma rede mundial de divulgação científica para o público infanto-juvenil (<https://eucu.net/>).

Os alicerces teóricos utilizados para a realização das ações são a Aprendizagem por Livre Escolha, Interação Dialógica, a Sociologia e Culturas da Infância e alguns pilares e modelos de comunicação pública da ciência, advindos, principalmente, da matriz dialógica. Além disso, procuramos, durante as atividades, despertar a emoção, o interesse e a curiosidade pelo conhecimento e o cuidado do próprio corpo em interação com o meio socioambiental (GONTIJO *et al.*, 2019).

A temática utilizada para divulgar a ciência para crianças e adolescentes é o corpo humano e o meio em que vive, respeitando a diversidade, singularidades e/ou diferenças de cada um, na tentativa de minimizar a cultura do “corpo máquina” e reduzir prejuízos que a normatização e a “patologização” do corpo leva para a comunidade infanto-juvenil. Contudo, como utilizamos o protagonismo da criança, diversos temas surgem durante as

atividades propostas, o que nos impulsiona a buscar parcerias das mais diversas áreas do conhecimento, permitindo a transdisciplinaridade.

A metodologia deste relato de experiência é descritiva, apresenta descritores dos tipos informativo, dialogado, crítico e embasado na observação qualitativa das atividades realizadas nos oito anos decorridos do projeto. Descreveremos como se deu a formação do Projeto, a sua integração na Rede, as ações realizadas em Diamantina e região, ações com a RMUCs, demais parcerias e exemplos de algumas oficinas. Temos como prioridade de ação as oficinas de perguntação, as quais movem todo o trabalho posterior, seja em oficinas de retorno ou na produção de artefatos de divulgação. Dessa forma, percebemos que a criança executa seu lugar de fala em nossas ações e a partir da análise das perguntas, assumimos a importância dos trabalhos e ações na área da interseccionalidade.

Outrossim, a relevância deste trabalho se mostra pela valorização dos saberes das crianças, pelo seu protagonismo e emancipação. Elas começam a questionar e participar mais do diálogo, apresentando suas dúvidas, medos e curiosidades. A educação/divulgação científica não tem que ser impositiva e, sim, integradora, em que o educador nivela o conhecimento, mostrando a importância da opinião e da curiosidade das crianças em uma troca de experiências (oral/corporal). Assim, o conhecimento se torna horizontal e possibilita uma reflexão crítica sobre os pensamentos e dúvidas de uma criança.

CRIANÇA, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E UNIVERSIDADE DAS CRIANÇAS

É notória a alteração atual da concepção do papel da criança, agora vista e entendida como um ser que precisa ter autonomia e controle do seu saber, não só o recebendo de outrem. A ideia crescente é a de que crianças e adolescentes demandam adquirir uma apropriação do conhecimento científico para ter uma participação na sociedade mais eficaz e ativa, mesmo que em pequena escala inicialmente. Uma das formas indicadas para que o apreço pelo conhecimento científico para esse grupo geracional aconteça, segundo Marques e Marandino (2019), seria através de meios não formais, bem como por brincadeira, interação, participação, possibilidade de escolha e o desafio.

A divulgação científica voltada para o público infanto-juvenil está cada vez mais entendida como necessitada da promoção de um sentimento de autonomia do próprio indivíduo no processo de ensino-aprendizagem. O estímulo para a curiosidade faz com que a criança e o adolescente vejam a ciência ali divulgada como parte do seu cotidiano, das suas vivências próprias, gerando, assim, um maior pertencimento ao conteúdo apresentado, o que facilita e engaja a propagação do conhecimento científico desde a pouca idade (BARRETO *et al.*, 2022). Explorar a autonomia e tornar o público infanto-juvenil ator do processo científico é a ideia central deste projeto.

Nesse sentido, surge a noção de que a divulgação científica para o público em questão deve permear uma metodologia diferente daquela, por muito tempo vigente, de apenas promover o saber exclusivamente por meio de forma unilateral (do professor/divulgador ao aluno). A criança e o adolescente ao “envolver-se em questionamentos sobre fenômenos que ocorrem a sua volta, elaborar hipóteses, buscar informações, socializar com outras crianças suas impressões significam aproximar-se de reflexões sobre a natureza da ciência” (MARQUES e MARANDINO 2019, p. 11).

Segundo Freire (2011), a prática de ensinar não se restringe somente à transferência de conhecimento, um dos motivos pela qual a divulgação científica pode ser falha no país, mas exige uma mudança de postura do educador/divulgador pela qual tanto o sujeito criador quanto o educando vão dando formas, impressões pessoais e alma a um objeto indeciso e acomodado. A interação dialógica, baseada na troca, nas negociações e no respeito mútuo, podem se mostrar como uma ferramenta potente de aprendizagem e motivação que permitem ir além do seu condicionamento na produção de conhecimento, para o aperfeiçoamento da educação científica para o público infantojuvenil.

Ações nesse sentido começaram na Europa, no ano de 2003, com crianças de 7 a 14 anos, para maior contato com a educação e a divulgação científica gerada dentro dos centros universitários. Opondo-se a um projeto pedagógico que mitiga a criticidade dessa parcela geracional, em 2002, a primeira UC foi fundada na Alemanha. Desde então, a pauta que vem regendo o projeto da UC é a de encorajar e despertar o interesse pela ciência e pela pesquisa desde a infância, um primeiro contato diferenciado com o mundo acadêmico que aguarda o público-alvo do projeto.

Desde o surgimento dessa primeira UC, segundo Gary e Dworsky (2013), já são mais de 350 Universidades das Crianças espalhadas por todo o mundo e afiliadas a uma Rede Mundial de Universidade das Crianças, coordenada pela Rede Europeia de Universidade das Crianças (European Children' Universities Network) (<https://eucu.net/>), com sede atualmente em Viena, na Áustria, com vias de promover maior acesso das crianças ao conhecimento, de forma gratuita (especialmente daquelas advindas de um contexto de maior vulnerabilidade socioeconômica, cultural e geográfica); gerir uma atmosfera de maior respeito e valorização às diversidades; e respeitar o momento e o desejo do outro. Nessa perspectiva, criamos em 2016 a UC-UFVJM, compondo a RMUCs que é filiada à Rede Europeia de UCs. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é o de realizar um relato de experiência dos oito anos de existência do projeto de extensão UC-UFVJM.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia foi realizada conforme pressupostos para a elaboração de um relato de experiência por Mussi, Flores e Almeida, (2021) e dessa forma caracterizado como descritivo informativo, dialogado e crítico. Informativo por ofertarmos aspectos para se conhecer o trabalho; dialogado, pois discute sobre o significado dos resultados e os compara com outros achados e a posição do autor sobre o assunto, e crítico, a partir de uma análise reflexiva do trabalho.

A descrição narrativa dos resultados foi feita a partir da observação e das percepções qualitativas das ações realizadas pela coordenadora do projeto nos seus oito anos de existência, anotações em diários de campo e análise de planilhas de perguntas. O eixo da experiência neste relato é a Extensão Universitária. A UC-UFVJM é cadastrada na Pró-reitora de Extensão da UFVJM e possui sempre um bolsista de Edital PIBEX e cerca de 10 a 15 extencionistas voluntários de diversos cursos. Nossas atividades e ações ocorrem de maneira constante em oficinas presenciais nas escolas públicas de Diamantina, distritos e municípios próximos e com ações pontuais e periódicas, em espaços universitários, museus, teatros e praças públicas. Nas ações contínuas, o nosso público alvo são crianças do ensino fundamental I, com maior prioridade para as do 4º e 5º anos e nas ações periódicas o público é variável, com crianças pertencentes à primeira e segunda infâncias, adolescentes e professores são os públicos participantes.

As atividades presenciais, com a parceria de escolas públicas e municipais, são desenvolvidas a partir de uma apresentação inicial da equipe de trabalho, falamos de onde somos e perguntamos se elas sabem para que serve a universidade, o que é pesquisa/ciência, sua importância, o que faz um pesquisador/cientista e como exerce sua função. Dessa forma, adentramos na importância da pergunta como motivadora da curiosidade, comparando com o problema ou pergunta de pesquisa como fundamental para guiar os pesquisadores/cientistas. Em seguida, perguntamos o que as crianças querem saber sobre seus corpos e o meio em que vive, as perguntas são colocadas em uma urna e posteriormente tabeladas para a realização de oficinas de retorno ou desenvolvimento de artefatos de divulgação científica. Conversamos sobre a importância de se perguntar e damos exemplos de como seria se tal cientista não tivesse se perguntado sobre um determinado objeto de estudo, o percurso para respondê-lo e as diversas possibilidades de criações a partir daí. Em alguns momentos, utilizamos da formulação de hipóteses como forma de elaborar raciocínios e discussões.

No mesmo dia da coleta das perguntas e após serem colocadas nas urnas, algumas dinâmicas são realizadas como: visualização de células e tecidos em microscópios, oficinas temáticas como a “oficina dos sentidos” para trabalhar a valorização das diferenças, bonecos e modelos anatômicos, bonecos e bonecas artesanais, dos quais possuem o tamanho de uma criança de 10 anos, com os órgãos do sistema digestório, atividades interativas e lúdicas com desenhos, por exemplo.

Além de Diamantina, desenvolvemos oficinas em uma escola pública de Vilas Mascarenhas, que é distrito de Gouveia MG, mediada pelo Programa de Extensão Universidade nas Comunidades que direcionaram atividades de saúde (odontologia e enfermagem) e divulgação científica (UC-UFVJM e Astrovale-UFVJM).

Em espaços não formais, atuamos na Casa da Glória de Diamantina, com o treinamento de 30 mediadores das diversas áreas da graduação como medicina, fisioterapia, educação e engenharia mecânica para a Exposição “PROCESSABER”, uma exposição em parceria com o Espaço do Conhecimento da UFMG. A exposição era aberta ao público infantil e adulto. Foram 3 meses de exposição com rotatividade dos mediadores, do tipo “hands on” e dialogada.

Em parceria com a Prefeitura de Diamantina e com o Circuito Cultural do Banco do Nordeste, realizamos mostras dos curtas de animações da RMUCs presentes em nosso site (<https://www.universidadedascrianças.fae.ufmg.br/>) seguida de diálogos com as crianças. Esses mesmos curtas foram exibidos em praças públicas de Diamantina e seus distritos como Guinda, Sopa e São João da Chapada. Crianças eram o público-alvo e livre para as demais gerações.

Participamos da elaboração conjunta da proposta interinstitucional “Universidades Abertas na SNCT-2023: Ciência, Cultura e Diversidade dos Povos”, a qual foi aprovada no Edital CHAMADA CNPq/MCTI Nº 01/2023 SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA SNCT 2023. O intuito era congregar iniciativas de Ciência e Tecnologia. As instituições proponentes foram as Universidades Federais de Minas Gerais (Campus Pampulha, em Belo Horizonte e Campus Montes Claros), Ouro Preto (UFOP), de São João del Rei (UFSJ), Viçosa (UFV) e UFVJM-Diamantina a qual foi organizada e coordenada pela coordenadora da UC-UFVJM.

As atividades relacionadas foram realizadas na praça pública do Largo Don João, de Diamantina, dentre as quais: Museu Ponto da UFMG, um museu caminhão tecnológico e itinerante; estandes dos Saberes do Garimpo, Organizada pelo Museu Diamante e Circuito Cultural Banco do Nordeste; Tecnologias Sociais da Permacultura, Projeto de Extensão da UFVJM, Biodiversidade e Conservação da Serra do Espinhaço, Organizado pelo Instituto Biotropos; Ponto Verde; UC-UFVJM com as seguintes oficinas: “Oficina dos Sentidos”, “Feira do Livro”, “O corpo humano” e “O que é ciência” e para que serve? Recebemos cerca de 2000 crianças e jovens em dois dias de exposição e contamos com a parceria da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Diamantina, do Teatro Santa Isabel, Circuito Cultural do Banco do Nordeste para viabilização de energia e suporte organizacional e da Copasa para oferta de água durante as atividades.

Na pandemia, criamos *podcasts* como forma de não perder o contato e interação com as crianças. Atualmente continuamos com ações presenciais e a construção, em conjunto com as crianças, de artefatos de divulgação científica que serão dispostos em novo site que abrigará toda a RMUC a partir do financiamento pela FAPEMIG. Ele terá agora produtos de divulgação para professores e demais interessados nessa e multiplicação da ciência gerados em conjunto com as crianças. Conterá conteúdos desenvolvidos por todas

as UCs como perguntas que as crianças têm interesse em saber, cartilhas, manuais, perguntas ilustradas das crianças, animações, teses e dissertações. Atualmente, duas estudantes de mestrado profissional têm como objeto de estudo a UC-UFVJM. Todos cuidados éticos são tomados para extensão e pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as oficinas de perguntação, realizamos inicialmente uma análise geral para direcionar as ações de retorno. De maneira geral, percebemos que as perguntas recolhidas se relacionam com cotidiano vivenciado em casa, círculo social e à conteúdos escolares. As crianças, ao executarem seu lugar de fala, a partir de perguntas, conseguem expressar curiosidades advindas de seu dia a dia, e a divulgação científica pode ser direcionada para questionamentos mais genuínos, de modo a incentivar a motivação e o sentido para o aprendizado.

Apresentaremos exemplos de uma amostra composta por crianças de 9 a 10 anos do 4º ano do Ensino Fundamental I, de duas escolas de Diamantina. Embora algumas perguntas pareçam similares, optou-se por mantê-las para permitir a comparação das perguntas entre as diferentes crianças e identificar similaridades e/ou variações individuais. Na primeira escola, surgiram as seguintes perguntas: Por que há tanta violência no mundo? Gostaria de saber sobre a água. Como é feito o carro? O que é um laboratório? Por que só existe sol durante o dia? O que é Filosofia? Será que existe vida na Lua? A NASA é um grupo de estudos que estuda a Lua? Como o mundo surgiu? Quais tripas existem no corpo humano? Como os seres humanos são feitos? Como o coração funciona? O que vocês fazem durante as aulas na Universidade? Por que sentimos medo e alegria? O que é estômago? Como vem a menstruação? Por que polícia procura ladrão? Todo mundo que morre vai para o saco preto? Como faz o robô? Por que temos que pagar tudo? Gostaria de saber mais sobre a Larissa Emanuela e sobre a Melody (personagens de novela). Por que o meu sonho é ser bailarina e eu não posso ser? Quem construiu essa escola?

Na outra escola tivemos as seguintes perguntas: O que é trombose? Por que existe a noite? Por que a água passa por toda a cidade? De onde vem o sangue? Por que temos cabelo? Quem mora no céu? Por que as doenças não chegam ao Brasil? Qual a doença mais perigosa no Brasil? De onde vem a lombriga? Por que algumas pessoas têm diabetes e

outras não? O que a trombose faz com o nosso corpo? O que é meningite? Por que o céu é azul? De onde vem os animais? Por que tem a noite? Por que a água passa por toda a cidade? Por que o ser humano tem fígado? Qual é o órgão mais importante no corpo? Como os invertebrados conseguem mexer sem os ossos? Como os animais invertebrados se mechem? Por que o fígado é só no lado direito?

Esses dados, associados ao contexto que presenciamos nas oficinas, nos permitem pensar que a interseccionalidade está presente nas perguntas das crianças. Esse termo surgiu a partir dos feminismos negros como movimento social para luta por igualdade das mulheres. Posteriormente utilizado no sentido de que é preciso pensar que cada um/a de nós é atravessado/a por inúmeros marcadores sociais (raça, classe, geração, identidade de gênero, sexualidade e etc..) que nos colocam em diferentes posições sociais e orientam nossas reivindicações daquilo que acreditamos ser necessário em uma sociedade (ASSIS, 2019).

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p.177)

Colocar a divulgação científica de forma que as crianças tenham a possibilidade de levantar questionamentos importantes para suas intersecções torna o trabalho direcionado à valorização das diferenças e de seu lugar de fala. Corroborando com nosso argumento Assis (2019) enfatiza que “a metodologia interseccional, se bem aplicada, pode ser útil tanto em identificar debilidades estruturais do campo educacional, bem como instrumentalizar possíveis ações para diminuição das desigualdades e respeito às diferenças”.

Nesse sentido, em uma das oficinas de retorno, além dos artefatos de divulgação em parceria com a RMUCs, realizamos uma excursão para a Universidade para que as crianças pudessem entender o que fazíamos durante as aulas e, também, dialogar sobre o funcionamento de alguns órgãos e outras perguntas mais relacionadas à área de saúde. Ofertamos dois minicursos como Detetives de bactérias, no laboratório de Microbiologia e Médicos por um dia, nos laboratórios de habilidades médicas e de anatomia com modelos sintéticos. Todas as crianças ganharam jalecos descartáveis e simulamos o que de fato era uma aula da graduação.

Essa oficina foi pensada especialmente por que na primeira escola descrita, nenhuma criança sabia o que era e para o que servia a Universidade, mas sabiam que existiam os trabalhos terceirizados como faxineiras. Uma vez que a Universidade é pública e considerando a perspectiva da Sociologia da Infância (VASCONCELOS e SARMENTO, 2007) na qual se busca a maior inserção das crianças nos diversos espaços, a visita na Faculdade de Medicina (FAMED-UFVJM) foi uma oportunidade de mostrar que existe o espaço, que elas podem pertencer a ele enquanto criança e numa perspectiva futura de atuação para alguns tipos de trabalho que exigem estudo acadêmico.

Outro exemplo de oficina de retorno, foram as oficinas dialogadas e a construção conjunta das respostas de algumas perguntas em processos de negociações e respeito mútuo. No entanto, nela não utilizamos a urna, mas uma roda de conversa com cinco crianças por vez. As crianças apresentaram vergonha e estranhamento em perguntar livremente, receio em se expor. Parece que a utilização das urnas deixa a criança livre para expressar com mais liberdade seus questionamentos. Como estratégia de maior aproximação, utilizamos exemplos próprios de experiências de vergonha que superamos durante nossas vidas, de acolhimento e da importância da pergunta e exemplos de perguntas de cientistas. Além disso, como a proposta era a de que as crianças tentassem responder as perguntas levantadas, a vergonha aparecia novamente, nesse sentido utilizamos a comparação com levantamento de hipóteses.

Com apoio, maior aproximação e incentivo, as perguntas começaram a surgir, as crianças começaram a expressar seus medos, angústias questões ambientais, escravidão em Diamantina e diferenças entre corpos, mais especificamente sobre a forma do cabelo liso e enrolado, e questões socioculturais sobre mortes de filhos e assassinatos e sobre a água. Observamos, cruzamentos de religião, ciência, mitologia, imaginário, desenhos, novelas, moradias, condições de classes sociais, gênero e sexualidade. Com isso, o lugar de fala de cada uma delas é preservado e ainda que a metodologia de trabalho se diferencie nas oficinas, é perceptível a interseccionalidade em todas elas.

Nas atividades em espaços não formais, realizamos a oficina de perguntação e momentos de apresentação dos produtos de divulgação científica, advindas de perguntas elaboradas pelas crianças do projeto como as animações, livros, *podcasts*. É uma divulgação que a criança se reconhece. Percebemos em nosso banco de dados de perguntas que muitas

delas se repetem e outras se mostram muito particulares. É uma tentativa de criar mais sentido para o universo infantil, considerando a criança como produtora de cultura conforme os Estudos da Infância e Sociologia da Infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como finalidade descrever as experiências realizadas ao longo dos oito anos do projeto de extensão Universidade das Crianças UFVJM. Observamos que, nas ações realizadas nos espaços das escolas públicas e nas atividades em espaços não formais de ensino, as perguntas feitas pelas crianças são uma importante ferramenta para exercerem seu lugar de fala, permitindo que o que lhes faz sentido seja valorizado e seus questionamentos sejam ouvidos. Muitas ações e artefatos de divulgação científica são direcionados a partir desse lugar.

A análise das perguntas das crianças, das quais aqui demonstramos uma amostra, nos indica que as infâncias são múltiplas, que a interseccionalidade está presente em seus questionamentos e nos diversos contextos em que são realizadas as atividades. É importante ressaltar que a interação dialógica permite que os adultos que executam o projeto relembrem o que é ser criança, compartilhem com ela seu mundo, sua ludicidade e materialidade. Dessa forma, as trocas acontecem por meio de brincadeiras, diálogos, negociações e discussões. Além disso, transmitimos o conteúdo científico de forma a emancipar as crianças de determinados preconceitos.

Dificuldades foram enfrentadas ao longo dos anos de execução, entre elas: transporte para levar as crianças para a Universidade e outras atividades fora dos espaços escolares, falta de dinheiro para lanche, excesso de atividades curriculares que impede a disponibilidade de mais horários, e a falta de horário livre para os estudantes da graduação realizarem as oficinas presenciais, em decorrência de suas aulas coincidirem com os horários das ações. Muitos dos problemas são solucionados com diversas parcerias intra e extra-institucionais, com financiamento de bolsas para os estudantes da graduação, os quais se comprometem com mais responsabilidade e dedicação. Um grande número de estudantes de cursos diurnos e noturnos consegue realizar o revezamento nas ações, além de contribuírem com a transdisciplinaridade exigida nas perguntas. Atualmente, contamos com um horário de 50 minutos por semana para desenvolver oficinas com quatro turmas

do 4º ano do Ensino Fundamental I, nos horários das aulas de biblioteca de cada uma delas.

Para as ações realizadas em espaços não formais, é de suma importância nossa parceria com escolas, rádios, prefeituras, agências de fomento governamentais e não governamentais, e uma equipe bem estruturada com professores e estudantes de graduação de diversas áreas do saber. Ações interinstitucionais fortalecem as iniciativas, corroboram com financiamento e promovem a troca de saberes.

Nossa perspectiva é continuar as ações de extensão universitária com oficinas em diferentes formatos, embasadas nos pilares da RMUC. Ao mesmo tempo, alinhamos essas ações com os resultados de pesquisa para entender os limites e as possibilidades do projeto em seu âmbito de atuação. Esse trabalho está sendo realizado por duas estudantes de mestrado profissional em Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias da UFVJM.

A divulgação científica para uma educação continuada em ciências é de suma importância e, para que seja uma formação sólida, deve começar na infância. Além disso, não basta apenas divulgar a ciência em si. Acreditamos que, com a abordagem aqui proposta, a criança exerce seu lugar de fala, enquanto o educador nivela o conhecimento, mostrando a importância da opinião e da curiosidade das crianças em uma troca de experiências.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 57 p. : il.

BARRETO, Rafaela de Melo; LARA, Beatriz Resende; FERREIRA, Leticia Marcelle; COSTA, Raquel Alves. Universidade das Crianças: uma experiência no ensino sobre células. **Conexão Ciência: Revista Científica UNIFOR - MG**, Formiga, Mg, p. 65-78, 28 abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24862/cco.v17i1.1537>. Acesso em: 25 jan. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. *The University of Chicago Legal Forum*, n. 140, p. 139-167, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GARY C.; DVORSKY C. Children's Universities — a “leading the way” approach to support the engagement of higher education institutions with and for children. **Journal of Science Communication**, v. 12, n. 3, 2013.

GONTIJO, H. L. et al. Relato de experiência: Universidades das Crianças em Minas Gerais. **Revista Acervo Educacional (online) / Journal of Educational Collection**, v. 1, n. e1629, p. 1–5, 2019.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; MARANDINO, Martha. Alfabetização Científica e criança: análise de potencialidades de uma brinquedoteca. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 21, 2019.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021.

VASCONCELLOS, Vera M. R.; SARMENTO, Manuel Jacinto (Org.). **Infância (In)Visível**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2007.